

MUDANÇA CONSTRUCIONAL, CONSTRUCIONALIZAÇÃO E (INTER) SUBJETIVIZAÇÃO EM CONSTRUÇÕES [V1+VER]

CONSTRUCTIONAL CHANGE, CONSTRUCTIONALIZATION AND (INTER) SUBJECTIVIZATION IN CONSTRUCTIONS [V1+VER]

Taísa Barbosa Robuste*

UFPR

Sebastião Carlos Leite Gonçalves**

UNESP

Resumo: Neste artigo, analisamos a construção [V1 + Ver], na qual a posição de V1, parcialmente esquemática, é preenchida pelos verbos “deixar”, “ir” e “querer”. Com base no aparato teórico-metodológico dos Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), nosso objetivo é mostrar que três processos relacionados se manifestam na formação da construção em análise: “mudança construcional”, “construcionalização” e “(inter)subjetivização”. Para tanto, recorreremos a dados efetivos de usos da língua extraídos de amostras de fala e de escrita do português contemporâneo e chegamos à caracterização de quatro tipos de construções: (i) Construções de movimento com propósito; (ii) Construções perifrásticas; (iii) Construções modais; e (iv) Construções marcador discursivo. Mostramos que a construcionalização da construção “marcador discursivo” é resultante do aumento de (inter) subjetividade, que é antecedida de uma série de micropassos de mudança construcional.

Palavras-chave: Modelos baseados no uso. Construcionalização. Intersubjetivização. Verbo “ver”.

Abstract: In this article, we analyze the construction [V1 + Ver], in which the position of V1, partially schematic, is filled by the verbs *deixar* (let), *ir* (go) and *querer* (want). Based on the theoretical-methodological apparatus of the Usage-Based Models (BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), our objective is to show that three related processes instantiate in the formation of the construction under analysis: “constructional change”, “constructionalization” and “(inter)subjectivization”. For this purpose, we use effective data on language usage extracted from contemporary Portuguese speech and writing samples and we characterize four types of constructions: (i) Constructions of movement with purpose; (ii) Periphrastic constructions; (iii) Modal constructions; and (iv) Discourse marker constructions.

* Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba. Doutora em Estudos Linguísticos (2018) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6572-2173>. E-mail: taisarobuste@gmail.com.

** Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto. Pós-doutorado (2020) pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (Processo 307691/2017-9). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1798-729X>. E-mail: sebastiao.goncalves@unesp.br.

We show that the constructionalization of the “discourse marker” construction is the result of an increase in (inter)subjectivity, which is preceded by micro-steps of construction change.

Keywords: Usage-Based Models. Constructionalization. Intersubjectivization. Verb *ver*.

INTRODUÇÃO

Em uma abordagem construcional baseada no uso, cuja premissa é de que uma construção consiste no pareamento de forma e significado (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006), a investigação de como se dá a mudança linguística envolve sempre, e em alguma medida, aspectos de forma e de significado de uma construção simultaneamente (BYBEE, 2003, 2016; GISBORN; PATTEN, 2011; HOFFMANN; TROUSDALE, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nessa perspectiva, são reconhecidos dois processos da mudança linguística: **mudança construcional** e **construcionalização** (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Ao lado desses processos, consideramos que outro importante interveniente na mudança linguística é a (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2002), pois ajuda a identificar certas mudanças que ocorrem nos níveis semântico e pragmático de algumas construções.

Neste artigo, temos como objetivo explorar a análise empreendida em Robuste (2018) sobre a relação entre esses três processos de mudança. Para isso, buscamos, a partir do perfilamento das construções [V1+ver] – em que V1 configura-se como um *slot* que pode ser preenchido pelos verbos “ir”, “querer” e “deixar” –, mostrar como essa relação pode ser entendida. Para cumprir o aqui proposto, analisamos como V1 compõe com “ver” construções, nas quais forma e significado são indissociáveis, conforme define Goldberg (1995, 2006). Partimos da caracterização de quatro tipos de construções [V1+ver] identificados no trabalho da autora: (i) Construções de movimento com propósito; (ii) Construções perifrásticas; (iii) Construções modais; e (iv) Construções marcador discursivo. Nosso foco maior será nas construções do tipo marcador discursivo com valor (inter)subjetivo, alvo de um possível percurso de mudança. Essas construções encontram-se exemplificadas de (1) a (5).¹

- (1) Doc.: e tem alguma coisa assi::m? **vamô(s) vê(r)**...algu::m prê::mio que cê ganhô::(u)?
Inf.: tenho

[BDI, AC-005-NE; L. 68]

- (2) Doc.: uma bri::ga assim
Inf.: eu nunca me envolvi com briga... vô(u) vê(r)... ((risos))
Doc.: ah num aconteceu na::da?... uma briga à toa assim pode sê(r)
Inf.: briga à toa?... só se fô(r) sobre minha banda também porque... esses tempos aconteceu uma briga minha lá... meio assim sabe?

[BDI, AC-035-NE; L. 82]

¹ Ao final das ocorrências exemplificativas, encontra-se, entre colchetes, a indicação da fonte de onde o dado provém: (i) Banco de dados Iboruna (BDI); Amostra Censo (AC) do banco de dados; número de identificação da amostra; Tipo de texto: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de opinião (RO), relato de procedimento (RP) e relato de descrição (DE); e linha do arquivo de transcrição onde o dado se encontra. (ii) Banco de dados lexicográfico (BDL), *córpus* (CP) do banco de dados; período/ano do texto que compõe o *córpus*; tipo de texto (literatura romanesca, tradução etc.).

- (3) Inf.: esse negócio de perdê(r) a autonomia eu acho que vale a pena fazê(r) uma experiência... porque a Gaviões mesmo falava... que queria tirá(r) o::... presidente do Corinthians o Alberto Dualib... [Doc.: uhm] eu também queria que ele saísse ²[uma boa]
 Doc.: ²[toda] mas a) Gaviões é contra ele
 Inf.: não... não então... vai ven(d)o... eu... eu... penso isso daí né?...
 [BDI, AC-053-RO; L. 354]
- (4) eu tinha que:: pegá::(r) fazê(r) a:: inscrição... da UNESP que eu ia requerê(r) a vaga... que eu tinha ficado na lista de espera... então eu tive que vim antes... (até aqui) né?... aí:: nós pegamos aí::... acho que foi:: qué(r) vê(r)?... sexta-fe(i)ra assim... sexta-fe(i)ra nós foi/ voltamos/ subimos de no::vo:: deu quase o mesmo trajeto... chegamo(s) de Ubatuba... fomos até::... ah ônibus agora foi até São José dos Campos...
 [BDI, AC-087-NE; L.35]
- (5) Inf.: fazia::... de(i)xa eu vê(r)... uns quatro anos... [Doc: uhum ((concordando))]
 que eu era casada... aí:: no pré-natal... que e/ que eu fui... aí constatô(u) que eu tava com pré-eclampsia...
 [BDI, AC-070-NE ; L.11]

Essas construções do tipo marcador discursivo com valor (inter)subjetivo são consideradas aqui resultado de uma série de mudanças ocorridas tanto no plano da forma, quanto no plano do significado de outros usos de *[V1 + ver]*. A identificação dos micropassos de mudança, mesmo que apreendidos em análise somente sincrônica, permite reconstruir e prever a trajetória de mudança percorrida pelas construções, por meio do mapeamento de suas propriedades definidoras, como **composicionalidade**, **esquematicidade** e **produtividade** (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Por tratar-se, portanto, de um trabalho desenvolvido sob perspectiva sincrônica² e filiado a uma vertente que vem sendo denominada *Modelos Baseados no Uso* (BARLOW; KEMMER, 2000)³, foram selecionados dados reais de usos da língua retirados de *corpora* de língua escrita e língua falada, a fim de ampliar o universo de busca de ocorrências de construções *[V1 + ver]* com valor discursivo. O *corpus* que serviu para busca de ocorrências de língua escrita do PB contemporâneo provém de um banco de dados com mais de 200 milhões de palavras de língua escrita, disponível no Centro de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) de Araraquara. Para a amostra de ocorrências de fala, foi adotado o Banco de Dados Iboruna, de responsabilidade do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP), sediado na UNESP de São José do Rio Preto e disponível em <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>.

Todos os dados foram avaliados à luz de cinco critérios que permitem delinear as propriedades de forma e função⁴ das combinações possíveis dos verbos expressos em *V1* com o verbo

² Em Robuste (2018), foi feita busca de dados diacrônicos em dois *corpora* que reúnem textos do português histórico. Foi utilizado o Banco de Dados Informatizados de Texto do Projeto “Para a História do Português Brasileiro” (BIT-PROHPOR), disponível em <https://www.prohpor.org/bit-prohpor>, e dados de textos do Português histórico, compilados no Projeto “Cópus Diacrônico do Português” (CDP), disponível em <http://www.cdp.ibilce.unesp.br>. No entanto, dada a baixíssima frequência de *[V1 + ver]* restrita aos séculos XIX e XX, e nenhuma ocorrência de usos construcionais de *[querer + ver]* e de *[deixar + ver]*, a análise diacrônica feita na tese tem apenas caráter especulativo. Por essa razão, este artigo limitar-se-á à análise apenas sincrônica.

³ Essa vertente também é denominada por alguns autores como *Linguística Cognitivo-funcional* (NUYTS, 2007).

⁴ Em Robuste (2018), é feita a ressalva de que mesmo que à primeira vista um dos critérios apresentados esteja mais relacionado

“ver”. Em alguma medida, os seguintes critérios ajudam a definir os graus de composicionalidade, esquematicidade e produtividade das construções: i) Presença de material interveniente na construção; ii) Sujeito e pessoa gramatical expressos na construção [V1+ver]⁵; iii) Tempo e modo verbal de V1 na construção; iv) Negação; v) Tipos de complementos de [V1+ver]. Especialmente para o grupo de construções com valor discursivo, seguindo Risso (2006) e Urbano (2006), foram observadas: i) relação sintática com a estrutura oracional; ii) demarcação prosódica; iii) autonomia comunicativa; iv) massa fônica. Amparados por esses critérios, a análise dos padrões construcionais desenvolvida neste artigo é de natureza apenas qualitativa, embora não ignoremos a importância da frequência de uso de cada uma das construções na fixação do esquema genérico [V1+ver].

A partir deste ponto, este artigo estrutura-se em cinco seções: na primeira seção, apresentamos os conceitos básicos da Gramática de Construções, detalhando o que se entende por **esquematicidade, produtividade, composicionalidade**, e como é possível interpretar os processos de **mudança construcional, construcionalização e (inter)subjetivização**, mesmo sob viés apenas sincrônico. Na segunda seção, apresentamos o conceito de “marcador discursivo” adotado, a partir da perspectiva da Gramática Textual-Interativa. Na terceira seção, caracterizamos os verbos expressos em V1 e o verbo “ver”. Na quarta seção, apresentamos as possibilidades de combinação entre o verbo expresso em V1 e o verbo “ver”, indicando sua forma e função. Na quinta seção, exploramos as características dos três processos de mudança reveladas pela análise de [V1+ver], e, por fim, concluímos o artigo com as questões mais relevantes e perspectiva de continuidade da pesquisa a partir dos resultados.

CARACTERIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES

Dentro do campo dos estudos filiados à *Linguística Cognitivo-funcional* (NUYTS, 2007), interessam-nos conceitos específicos relacionados a teorias cognitivistas, especialmente a identificada com a *Gramática de Construções* (CROFT, 2001, 2007; GOLDBERG, 1995, 2006). Somado a esse campo de investigação, também nos apropriamos dos postulados da Gramática Textual-Interativa (JUBRAN; KOCH, 2006), para o tratamento dos marcadores discursivos e seu funcionamento como estratégia textual discursivamente orientada.

Entre os princípios da Gramática de Construções (GC, daqui para frente) está o de que a forma básica da estrutura sintática é uma construção – uma estrutura gramatical complexa, composta por um pareamento de forma e significado (CROFT, 2007; GOLDBERG, 2006). Assim as construções são, fundamentalmente, unidades simbólicas que, por associação transmodal, unem propriedades de forma e de significado.

De acordo com Croft (2007), a relação entre “forma e significado”⁶ é marcada por uma série de traços definidores da construção, assumida dentro do princípio de que o significado de uma construção não corresponde à mera soma do significado de suas partes constituintes,

com a forma da construção, o efeito de sua análise pode levar à identificação de propriedades concernentes ao seu sentido.

⁵ Esse critério analisa apenas o tipo de sujeito (e também ausência de sujeito) de V1, pois, com exceção do construto [vai vendo], com o verbo *ver* no gerúndio, em todos os outros usos o verbo *ver* ocorre na forma nominal de infinitivo.

⁶ Definem a **forma** de uma construção de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e o **significado** é definido como todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, incluindo as propriedades da situação descrita, do discurso e da situação pragmática entre os interlocutores (CROFT, 2007, p. 471).

o que permite a identificação de padrões construcionais que se estendem desde o morfema até padrões construcionais mais amplos, como construções de estrutura argumental (intransitiva, transitiva, ditransitiva etc.), construções complexas e mesmo padrões textuais (GOLDBERG, 2006; GONÇALVES; OLIVEIRA, 2020).

Para a caracterização das construções são acionados três fatores que auxiliam na definição da relação entre forma e significado: **esquematicidade**, **produtividade** e **composicionalidade**, que, juntos, permitem depreender propriedades gerais e específicas das construções, aproximando-as ou diferenciando-as em redes de construções, pelas particularidades que apresentam. Esses fatores também propiciam identificar os micropassos de mudança por que passam as construções de uma língua e entender como elas podem atrair novas construções, à medida que se tornam mais esquemáticas.

Sob a óptica da análise linguística, **esquematicidade** é entendida como uma propriedade de categorização que necessariamente envolve abstratização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Esquemas abstratos são grupos semanticamente gerais de construções que podem ser processuais ou de conteúdo [*contents*]. De acordo com a GC, esquemas consistem em um grupo de construções abstratas que (inconscientemente) são percebidas pelos falantes de uma língua e estão estreitamente relacionadas em uma rede construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14). Assim sendo, a esquematicidade de uma construção linguística diz respeito à captura de padrões mais gerais a partir de uma série de construções mais específicas (TUGGY, 2007; BARÐDAL, 2008 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Os graus de esquematicidade são definidos, taxinomicamente, em termos de **macro**, **meso**, **microconstruções** e **construtos** (TRAUGOTT, 2008), que podem ser assim entendidas: (i) **macroconstruções** constituem o nível construcional mais abstrato e virtual, além de operarem no grau máximo de esquematicidade de processos de mudança (HOFFMANN; TROUSDALE, 2011); (ii) **mesoconstruções** são conjuntos de construções específicas com função semelhante; (iii) **microconstruções** representam *types* ou padrões construcionais individuais; (iv) construtos ou *tokens* são ocorrências de uso real.

O segundo critério que identifica as construções é a **produtividade**. Para Traugott e Trousdale (2013), a produtividade é gradiente e diz respeito à extensibilidade de uma construção, ou seja, ao potencial de uma construção de atrair outras construções menos esquemáticas. A produtividade, de acordo com alguns trabalhos, está ligada à frequência de uso, assim, “[...] quanto maior a frequência de um *type* [ou padrão construcional], maior a produtividade ou a probabilidade de a construção ser estendida a novos itens” (BYBEE, 2016, p. 113). Importa destacarmos, neste ponto, que, como medida de produtividade, a interpretação da frequência na abordagem construcional depende do nível de esquematicidade recortado como objeto de análise. Nesse sentido, enquanto a frequência *type* apura a frequência de tipos de padrões particulares (ou subesquemas) de uma construção esquemática mais geral, a frequência *token* apura a frequência de construtos (ocorrências) instanciados por um *type* da construção. Assim, a produtividade de uma construção está para os *types*, como a produtividade de um *type* está para os construtos, o que significa dizer que uma construção pode ter alta frequência *type* com baixa frequência *token* ou ao contrário, balanceamento que requer que a verificação do grau de produtividade considere o balanceamento entre frequência *type* e coerência semântica entre os *types* da mesma construção (BARÐDAL, 2008, 2006). Quanto à interpretação de processos

de mudança linguística, o aumento da produtividade pode indicar a expansão das posições da construção mais esquemática, que podem passar a ser preenchidas por novos itens lexicais ou outras construções a partir de processos de analogização (BYBEE, 2016, p. 98-99).

Finalmente, a **composicionalidade** é o terceiro fator que define as construções. Ela diz respeito aos graus de transparência expressos no elo simbólico que une forma e significado, podendo ser interpretada em termos sintáticos e semânticos. No tocante à sintaxe, quanto mais esquemáticas e recursivas, mais composicionais são as construções; quanto à semântica, a composicionalidade pode ser considerada de duas perspectivas: quanto às partes que compõem a construção e quanto ao todo da construção; assim, uma construção é mais composicional à medida que seu significado deriva do significado das subpartes que a compõem, e menos composicional, se o significado é parte do todo da construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19).

No que tange à mudança linguística, estudos diacrônicos indicam que muitas vezes a mudança reflete na redução da **composicionalidade**, especialmente no nível das microconstruções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Entendemos que construções mais composicionais são aquelas cujo significado é alcançado a partir da soma das suas partes; enquanto são menos composicionais as construções em que forma e significado compõem um todo indissociável, responsável pelo sentido.

Pode-se inferir, pelo já apresentado até aqui, que a mudança que afeta a construção ocorre de modo gradual, em etapas, e é identificável quando se analisam as propriedades das construções acima apresentadas. Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2013) reconhecem dois processos da mudança linguística: **mudança construcional** e **construcionalização**.

O processo de **mudança construcional** é aquele pelo qual passa uma construção já existente, e que pode levar — mas não necessariamente leva — à formação de novas construções. Para Traugott (2008), nesse processo, as mudanças podem ocorrer tanto no nível da forma, quanto no do significado. Quando mudanças construcionais levam à formação de um novo pareamento de forma e significado, ocorre o que Traugott e Trousdale (2013) denominam **construcionalização**, processo que resulta na formação de novos tipos de nós, com novas configurações de forma e significado, em uma rede linguística de construções ligadas por relações de herança.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), há dois tipos de construcionalização não estanques: lexical e gramatical. O primeiro tipo resulta em uma unidade convencional com nova forma e novo significado, que serve às novas necessidades comunicativas. O segundo tipo é resultado de mudanças que levam à formação de construção com ganho de valor gramatical, ou construção procedural, nos termos dos autores. Outra possibilidade de tipo de construcionalização é quando mudanças resultam em construções parcialmente lexicais e parcialmente gramaticais, as chamadas construções híbridas.

Finalmente, no tocante aos mecanismos de mudança linguística aqui analisados, os processos de **subjetivização** e **intersubjetivização** recebem tratamento mais detalhado em Traugott e Dasher (2002) e Traugott (2010), sob uma visão funcionalista, mas sem ligação direta com a GC. Neste artigo, reafirmamos a leitura de Robuste (2018), que interpretou esse processo de mudança à luz da GC a partir dos estudos dos autores e das análises das construções [V1+ver].

Em Traugott e Dasher (2002) e Traugott (2010) são apresentadas duas noções sincrônicas diretamente interligadas com a expressão do ponto de vista (subjetivo) do falante: **subjatividade** e **(inter)subjatividade**. A primeira noção é entendida como a relação entre o falante e suas crenças, enquanto a segunda é um conceito inspirado em Benveniste (1958) e diretamente relacionado à preocupação do falante com a autoimagem de seu ouvinte. Assim sendo, as expressões podem caracterizar-se por não apresentarem subjatividade, por apresentarem certo grau de subjatividade ou por revelarem-se intersubjetivas. Diacronicamente, é possível que algumas expressões sem valor subjetivo assumam esse valor⁷, passando a ser usadas pelos falantes para codificar suas atitudes e crenças, processo denominado “subjativização”. Uma vez subjativizadas, essas expressões podem ser usadas para codificar significados centrados na relação com o ouvinte, processo identificado por Traugott (2010) como “intersubjetivização”. Para haver (inter)subjativização é preciso que um par de forma-significado passe a ser usado para codificar intersubjetividade (TRAUGOTT, 2010).

Observe-se que Traugott (2010) já operava com a ideia de forma e significado, mas sem relacionar em que medida a alteração no plano da forma ou do significado alteraria o valor da construção. A hipótese de Robuste (2018) a respeito de (inter)subjativização, sob a ótica construcional, é a de que, quando uma construção sofre alteração apenas no plano do significado, especialmente no nível pragmático, e passa a codificar (inter)subjatividade, ela sofreria um aumento de intersubjetividade pragmática, motivada pelo contexto; já, quando a construção sofre alterações no plano do significado e da forma, ou seja, quando sofre construcionalização, e passa a indicar (inter)subjatividade, o valor (inter)subjetivo seria resultado do processo de construcionalização.

MARCADORES DISCURSIVOS

A noção de marcador discursivo (MD, daqui em diante), empregada neste artigo para a análise dos padrões mais esquemáticos de *[V1+ver]*, tem abrigo na Gramática Textual-interativa (JUBRAN; KOCH, 2006), que atribui aos MDs, em geral, duas funções principais, como descrevem Riso, Silva e Urbano (2006): a de **basicamente sequenciadores** e a de **basicamente interacionais**. Pelo termo “basicamente”, segundo os autores, deve-se entender que, para uma dada forma, deve-se reconhecer uma função que seja mais proeminente, o que não impede o reconhecimento da sobreposição de outras funções, razão que leva Riso, Silva e Urbano (2006) a proporem os cruzamentos possíveis entre funções do âmbito da **articulação do discurso** (sequenciador tópico, sequenciador frasal, não-sequenciador) e funções do **âmbito da orientação da interação** (secundariamente orientador, basicamente orientador, fragilmente orientador), resultando, daí, três combinações definidas como prototípicas dos MDs: (i) não-sequenciador e basicamente orientador da interação; (ii) sequenciador tópico e secundariamente orientador da interação; (iii) sequenciador tópico e fragilmente orientador da interação.

MDs basicamente sequenciadores operam no “[...] amarramento textual das porções de informações progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e, simultaneamente,

⁷ Entendemos que a interpretação da aquisição de um **novo valor intersubjetivo** deve se feita com cuidado, pois, muitas vezes, é o próprio contexto que imprime esse valor em construções; nesses casos, o valor não seria propriamente **novo**, mas sim derivado do contexto. É o que Traugott (2010) chama de “novo significado pragmático intersubjetivo em contextos relevantes”.

no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional” (RISSO, 2006, p. 427). São exemplos de MDs que desempenham essa função “agora”, “então”, “depois”, “aí”, “mas”, “bem”, “bom”, “enfim”, “finalmente”, “quer dizer”, “por exemplo”, assim, dentre outros (RISSO, 2006, p. 427). MDs basicamente interacionais apresentam como função principal “[...] maior projeção da interação, quando o foco funcional não está no sequenciamento de partes do texto” (RISSO, 2006, p. 409), mas na própria interação, alguns mais característicos do ouvinte, como os chamados MDs de *feedback* (“ahn, uhn?”, “certo”, “bem”, “claro”, “exato”, “é”, “é claro”, “é verdade”, “pois é”, “sei”, “sim” etc.) (URBANO, 2006, p. 497), e outros mais característicos do falante, como os chamados *checking* (“certo?”, “entendeu?”, “sabe?”, “tá?”, “viu?”, “não é?/num é?”, “né?” etc.) (GUERRA, 2007), todos, porém, com função fática em destaque, como sugere Urbano (2006). Como podemos observar, qualquer que seja a combinação assumida para uma dada função dos MDs, as macro-funções **textual** e **interacional** estão em jogo na organização do discurso (PENHAVEL, 2005).

No Quadro 1, a seguir, resumem-se os traços comuns e certas regularidades que identificam os MDs, segundo Risso, Silva e Urbano (2006).

Quadro 1: Variáveis definidoras dos Marcadores discursivos

Variável	Explicitação
a. Padrão de recorrência	MD são altamente frequentes e usados reiteradamente no discurso.
b. Relação com o conteúdo proposicional	A maior parte dos MD é exterior ao conteúdo proposicional, porque não contribuem diretamente com o conteúdo referencial da proposição sobre a qual incide.
c. Transparência semântica ⁸	O significado de MDs pode corresponder: a) à adaptação ou ao desdobramento de significado gramatical; b) à reaplicação de significado lexical.
d. Apresentação formal	MDs constituem-se, geralmente, de formas cristalizadas (de pouca ou nenhuma variância), que ocorrem de forma automatizada no discurso.
e. Relação sintática com a estrutura oracional	Não-integração sintática à estrutura oracional é considerada traço forte de MD; por isso, são, em sua maioria, sintaticamente independentes.
f. Demarcação prosódica	Pauta prosódica demarcada (seja pausa ou rebaixamento do tom de voz) é um forte traço de MD.
g. Autonomia comunicativa	MDs são comunicativamente não-autônomos, pois não portam conteúdo proposicional por si próprios.
h. Massa fônica	MDs tendem a apresentar pouca massa fônica (até três sílabas tônicas). Analisa-se essa variável na correlação com as variáveis (c) e (d).

Fonte: Adaptado de Robuste (2018), com base em Risso, Silva e Urbano (2006).

Essas variáveis foram analisadas em consonância à possibilidade do contrabalanceamento de traços referentes às funções textual-interativas (basicamente sequenciadores e basicamente orientadores da interação). Essa escolha metodológica propicia distinguir usos das construções [V1+ver] atuantes no nível do discurso daqueles usos operantes na estruturação da sentença.

CARACTERIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES [V1+VER]

O verbo “ver” integra o grupo dos verbos de percepção e pode indicar tanto percepção visual, sensorialmente percebida, quanto percepção mental⁸, cognitivamente processada. No que tange à percepção visual, “ver” pode indicar percepção passiva e ativa, a depender do tipo de percepção e da casualidade ou intenção de senti-la. De acordo com Dik e Hengeveld (1991), a percepção imediata por meio da visão pode ser de um indivíduo ou de um estado-de-coisas, e, nesses casos, o verbo é complementado por sintagma ou por uma predicação, respectivamente. Por outro lado, quando o verbo denota percepção mental, ele se liga a um conteúdo proposicional, construído por meio de oração completiva finita. Para este trabalho, essa distinção mostra-se relevante uma vez que forma e sentido podem se definir a partir do valor semântico do verbo e do tipo de construção que ele instancia.

Os verbos “ir”, “querer” e “deixar” representados em V1, na construção [V1+ver], a depender do contexto em que são empregados, podem tanto apresentar valor lexical quanto atuar na relação com outro verbo, constituindo perífrases de valor gramatical (temporal, modal) ou construções com valor discursivo (marcador discursivo), como descrevemos com mais detalhes na próxima seção.

Na construção [V1+ver], *ir* instancia valor lexical de movimento com propósito na combinação com oração infinitiva; valor perifrástico, na combinação com forma infinitiva, expressando o tempo de uma percepção visual ou mental; e valor construcional de MD, em que “ir” e “ver” não são analisáveis separadamente.

Quanto ao verbo “querer” na construção, valores lexicais ocorrem quando o espaço argumental do verbo “querer” é preenchido por instâncias de primeira ordem⁹; valores perifrásticos modais indicam volição nos casos em que “querer” atua como operador modal sobre “ver”, indicando percepção tanto visual (ativa ou passiva) quanto mental; valores construcionais de MD são aqueles em que a volição de “querer” é levemente apagada, já que não há a expressão de desejo, e o de verbo “ver” como evidencial de percepção se perde totalmente, em razão da não necessidade de realização de complemento.

Finalmente, o valor lexical do verbo “deixar” na construção caracteriza-se pelo sentido de **separação**, **afastamento**, e/ou **abandono** e pelo preenchimento da estrutura argumental do verbo com referentes nominais de primeira ordem; o valor gramatical que nos interessa caracteriza-se pelo papel de modificador de “deixar” atuante sobre o verbo “ver”, expressando modalidade de permissão; o valor construcional de MD é identificado pelo apagamento parcial do valor de permissão de “deixar” e pelo apagamento total do valor evidencial do verbo “ver”.

Com base na apresentação dos sentidos dos verbos que compõem a construção [V1+ver], podemos afirmar que os valores expressos por esses verbos nas construções estão relacionados

⁸ O valor de percepção mental é, em linhas gerais, aquele cognitivamente derivado do valor de percepção visual, por meio de um processo de metaforização (SWEETSER, 1990).

⁹ De acordo com a teoria da Gramática Funcional de Dik (1989, 1997), pertencem à primeira ordem entidades **indivíduos**, que, localizadas no espaço e no tempo, podem ser avaliadas em termos de sua existência; à segunda ordem pertence a entidade **estado-de-coisas** que, codificada por nomes ou por predicação (nuclear ou estendida), pode ser localizada no tempo e no espaço e avaliada em termos de realização; à terceira ordem pertence a entidade **proposição** que, codificada por nomes ou por oração, não tem lugar no tempo nem no espaço e só pode ser avaliada em termos de verdade; e à quarta ordem pertence o **ato de fala**, entidade que, também possível de ser codificada por nomes ou por orações com força ilocucionária própria, ocorre em tempo e lugar determinados e, como parte de estratégias comunicativas, é avaliada em termos de sua eficácia.

ao contexto textual e interacional em que elas ocorrem. Assim, o verbo “ver” pode indicar tanto percepção visual passiva e ativa, quanto percepção mental, enquanto os verbos “ir”, “querer” e “deixar” compartilham a possibilidade de assumirem valores lexicais, e, quando juntos do verbo “ver”, expressarem valores gramaticais ou construcionais, como veremos com mais detalhes na próxima seção.

TIPOS DE CONSTRUÇÃO [V1+VER]

Em Robuste (2018), foram identificadas quatro combinações possíveis de V1 (= *ir*, “deixar” e “querer”) com “ver”. Aqui, apresentamos e descrevemos resumidamente as propriedades de forma e de significado, os graus de **composicionalidade**, **esquematicidade** e **produtividade** de cada uma das construções. Especialmente para as construções com valor de MD, também apresentamos a análise dos graus de **(inter)subjetividade** com base na função textual e interacional que podem desempenhar.

A) CONSTRUÇÕES LEXICAIS DE MOVIMENTO COM PROPÓSITO

Construção de movimento com propósito, com preservação do significado lexical dos verbos que a formam, ocorre apenas quando V1 é preenchido pelo verbo *ir*¹⁰. Nesse tipo de construção, a estrutura argumental dos verbos está preservada, o que garante o valor lexical da construção apreendido composicionalmente, ou seja, o verbo *ir* indica movimento com propósito e “ver” indica percepção visual, conforme se lê em (7).

- (7) [Doc.: Ri Happy] (ela entrô(u) Ri Happy ((risos do Doc.)) Balão Mágico ((risos de Doc. e Inf.)) essas daí mesmo... e ela foi vê(r)... *ela* foi vê(r) *jogo lá*... ((risos de Doc.))
[AC-053-NR; L.130]

De modo resumido e comparativo, o Quadro 2 mostra as propriedades da construção lexical [*ir+ver*] na relação ao esquema mais abstrato de construções de movimento com propósito orientado de que ela faz parte.

¹⁰ Os verbos “querer” e “deixar” combinados com outro verbo no infinitivo assumem, em princípio, valor gramatical, marcando modalidade (volição e permissão), conforme se verá mais adiante neste artigo.

Quadro 2: Propriedades de construções $[V1+V2]$ de movimento com propósito

Níveis de esquematicidade ¹¹	Macronstrução $[V1+ V2.inf]$ MOVIMENTO COM PROPÓSITO	
	Mesocroconstrução	Microconstrução
	$[V1$ movimento + $V2$ propósito (+ <i>Loc</i>)]	$[ir$ movimento + <i>ver</i> (+ <i>Loc</i>)]
Propriedades de forma	Variação de tempo-modo e número-pessoa de $V1$ e de Sujeito (expresso ou não). $V2$ aberto e infinitivo.	Variação de tempo-modo e número-pessoa de “ <i>ir</i> ” e de Sujeito (expresso ou não). Verbo “ <i>ver</i> ” infinitivo.
	Possibilidade de negação de $V1$ e de expressão de locativo.	Possibilidade de negação de “ <i>ir</i> ” e de expressão de locativo.
	Estrutura argumental de $V1$ e $V2$ preservada.	Estrutura argumental de “ <i>Ir</i> ” e “ <i>Ver</i> ” preservada
Propriedades de significado	Movimento com propósito.	Movimento com propósito de “ <i>ver</i> ”.
Grau de composicionalidade	Totalmente composicional. Significado lexical de $V1$ e $V2$ preservado.	Totalmente composicional. Significado lexical de “ <i>ir</i> ” e “ <i>ver</i> ” preservado.
Grau de esquematicidade	Alto. Construção altamente abstratizada.	Baixo. Subesquema de esquema mais alto.
Grau de produtividade	Alto. Todos os <i>slots</i> abertos propiciam tipos variados de microconstruções.	Baixo. Todos <i>slots</i> preenchidos restringem emergência de tipos específicos de construtos.

Fonte: Adaptado de Robuste (2018).

B) CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS

Construções perifrásticas¹² são aquelas que formam um esquema do tipo $[V1finito + V2não-finito]$, em que $V1$ adquire valor gramatical e servem à expressão de categorias semânticas como Aspecto, Tempo, Modo/modalidade. Esse é o comportamento das combinações decorrentes de $V1$ e *ver* nas construções exemplificadas de (8) a (9).

- (8) “porque que cê tá choran(d)o cê tinha que ficá(r) feliz você vai vê(r) sua mãe cê vai morá(r) com sua mãe” — ele falô(u) — “éh tia mas eu num sei se vai sê(r) bom” — eu falei — “mas num era isso que você queria?”
[AC-086-RO; L. 885]
- (9) foi só golpe mesmo... foi porque... a gente queria vê(r) a quermesse
[AC-096-NE; L. 37]

¹¹ Cabe observarmos que o nível de esquematicidade assumido como objeto de análise é o da microconstrução $[V1 + ver]$, instanciada por dois níveis superiores, o da meso e o da macroconstrução, considerando a rede de construções mais ampla. É no nível da microconstrução, portanto, que $V1$ pode licenciar o uso de outros verbos de movimento e outros tipos de $V2$, diferentes dos aqui recortados. Essa mesma observação aplica-se aos demais tipos de construção nas análises que se seguem.

¹² Perífrase verbal adotado, conceito adotado de Olbertz (1998), consiste na combinação de um verbo de origem lexical em forma finita com um verbo em forma não-finita (infinitivo, gerúndio, participio).

(10) Bel: (Correndo para ele) O que é que houve com você? (Abraçando-o). Que saudade, Luiz Raul!

Luiz Raul: (Andando em volta dela) Deixa eu ver *você*, deixa eu ver *você* ...

[BDL, CP2, 1950 — 2000, literatura dramática]

Quando constituindo perífrases, sobre V_2 , o verbo “ir” exprime o valor temporal do evento “ver” (como em (8)), “querer”, valor modal de volição (como desejo de “ver” em (9)), e “deixar”, valor modal de permissão (como permissão para o ato de “ver”, em (10)). Nesses usos, as construções [V1+ver] perifrásticas são mesoconstruções de um esquema mais abstrato da cadeia de TAM (Tempo, Aspecto e Modo/Modalidade) para um V_2 específico, no caso “ver”. No Quadro 3, a seguir, apresentamos onde se condensam as características básicas de [V1+ver] perifrástico de modo comparativo com os níveis esquemáticos do qual a construção em análise faz parte.

Quadro 3: Propriedades de construções perifrásticas [V1+V2.não-finito]

Níveis de esquematicidade	Macroconstrução [V1+V2.inf]TAM	
	Mesoconstrução	Microconstrução
	[V1+Ver inf.]T e M (volição e permissão)	[Ir+Ver]TEMPO [Querer+Ver]VOLUÇÃO [Deixar+Ver]PERMISSÃO
Propriedades de forma	Possibilidade de material interveniente entre V1 e “Ver”.	Possibilidade de material interveniente entre V1 e “Ver”.
	Variação de tempo-modo e número-pessoa de V1 e de Sujeito (expresso ou não). V2 infinitivo.	Variação de tempo-modo e número-pessoa de V1 e de Sujeito (expresso ou não). “Ver” infinitivo.
	Negação incidente sobre a construção.	Negação incidente sobre a construção.
	Estrutura argumental de “Ver” preservada.	Estrutura argumental de “Ver” preservada.
Propriedades do significado	Expressão TAM em V1, e “Ver” com significado de percepção visual/mental.	Expressão de Tempo/Modalidade em V1 e Ver com significado de percepção visual/mental.
Grau de composicionalidade	Parcialmente composicional, com V1 gramatical (TAM) e V2 lexical.	Intermediário, com V1(TM) e V2lexical.
Grau de esquematicidade	Alto. Constitui esquema com posição de V1 aberta.	Intermediário. Microconstruções específicas de esquema mais abstrato, com posição parcialmente aberta em V1 e fechada em Ver.
Grau de produtividade	Alto. Slot aberto em V1 instancia tipos variados de microconstruções perifrásticas da cadeia TAM.	Intermediário. Instancia <i>types</i> perifrásticos restritos a T e M.

Fonte: Adaptado de Robuste (2018).

C) CONSTRUÇÕES MODAIS

Há dois grupos de construções modais $[V1+ver]$ com particularidades no tocante à forma e à função, mas interligados por rede de herança: construções do tipo $[V1+ver+se]$ e construções do tipo $[ir+ver+(que)]$.

As construções $[V1+ver+se]$ são mais discursivizadas e resultantes de um processo de gramaticalização, com reanálise da conjunção integrante como parte da construção matriz, que passa a funcionar como marcador gramatical de valor modal operante sobre uma oração simples (SOUSA, 2007). É o que mostramos nas ocorrências de (11) a (13).

- (11) depois eu vô(u) te mostrá(r) uma tela que tá ali... que *eu vô(u) VÊ(r) se* ela tá seca... que já faz mais de cinco meses... ela tem que ficá(r) paradinha por que ela é grossa
[AC-086-RP; L.391]
- (12) — “aqueles tudo já são meus... eu quero aqui porque aqui... tem os que não são meus *eu quero vê(r) se* eu consigo levá(r) alguém pra mim
[AC-106-NE; L.220]
- (13) então vem/ tem o intestino delga::do... depois tem o do rim de/ que atravessa a per::na... ((aponta as partes de seu corpo)) *de(i)xa eu vê(r) se* eu tenho uma fotografia que eu vô(u) te mostrá(r)... ((pega um livro que está sobre a mesa))
[AC-140-RP; L.593]

Nesses usos exemplificados, $[V1+ver+se]$ assume função modal epistêmica, uma vez que o conteúdo da oração a que ela se liga só é passível de ter seu valor de verdade verificado *a posteriori* da enunciação, tendo como efeito de sentido o descomprometimento do falante em relação à verdade do conteúdo comunicado informacional codificado na construção escopada. Assim, $[V1+ver+se]$ expressa um julgamento do falante acerca de estados-de-coisas possíveis de serem verificados, construídos, portanto, de modo objetivo, como uma proposição: “a tinta estar seca” (ou não), em (11), “conseguir” (ou não) “levar alguém”, em (12), e “ter” (ou não) “uma fotografia”, em (13), casos típicos de modalidade epistêmica.

As construções modais do segundo grupo restringem-se à configuração $[ir+ver+(que)]$, que se realiza na forma de microconstrução $[vai ver(que)]$, como mostrado em (14).

- (14) —.. a:: idéia dele... ele falô(u) assim — “não eu vô(u) chegar na minha mulher (eu fa/) ((risos))... só c’a mordida aqui” — aí a lo(u)cura que ele fez ele falô(u) — “não num vai têr jeito né? (inint.) *vai ver* essa mordida aqui no meu no meu:: peito vai dá(r) problema
[AC-089-NR; L.53]

Em (14), a construção $[vai ver]$ com valor modal imprime dúvida à proposição a que se liga, podendo ser parafraseada por “talvez/é possível/é provável”.

Com o fito de resumir as características das construções $[V1+ver(+COMP)]$, no Quadro 4, dado a seguir, apresentamos, na coluna da esquerda, as propriedades básicas dos usos dessa construção, partindo-se do pressuposto de que ela é uma mesocronstrução mais abrangente; e, na coluna da direita, são apresentadas, de modo comparativo, as características das microconstruções $[V1+ver+se]$ e $[ir+ver(+que)]$.

Quadro 4: Propriedades de construções [V1+V2.inf (+COMP)] modais epistêmicas

Níveis de esquematicidade	Macronstrução [V1+ V2.inf (+COMP)] MODALIDADE EPISTÊMICA	
	Mesoconstrução	Microconstrução
	[V1+ver (+COMP)]MODAL EPISTÊMICA	[Ir+Ver+se] [Querer + Ver + se] [Deixar + Ver + se] [Ir + Ver + que] [Ir + ver]
Propriedades de forma	Impossibilidade de material interveniente .	Impossibilidade de material interveniente.
	<ul style="list-style-type: none"> V1 pode ocorrer no presente do indicativo, primeira pessoa singular/plural, ou no imperativo, segunda pessoa singular. “Ver” ocorre no infinitivo, seguido de complementizador “que”, “se” ou “zero”. a construção pode ou não ter sujeito exposto. 	<ul style="list-style-type: none"> [ir + Ver + se]: ir no presente do indicativo, primeira pessoa do singular ou plural, com sujeito exposto ou não; “Ver” no infinitivo, seguido de “se”. [querer + Ver + se]: “querer” no presente do indicativo, primeira pessoa do singular ou plural, com sujeito exposto ou não; “Ver” no infinitivo, seguido de “se”. [deixar + ver + se]: “deixar” no imperativo, segunda pessoa; “Ver” no infinitivo, seguido de “se”, com sujeito exposto ou não. [vai + ver + (que)]: “ir” restrito ao presente e à terceira pessoa singular, impessoal; “Ver” no infinitivo, seguido de “que” ou “zero”.
	Restrição à presença de negação.	Restrição à presença de negação.
	Escopo sobre conteúdo oracional.	Escopo sobre conteúdo oracional.
Propriedades de significado	Modalidade epistêmica (baixo grau de certeza).	Modalidade epistêmica (baixo grau de certeza).
Grau de composicionalidade	Baixo. Apagamento do valor lexical das partes constitutivas da construção.	Não composicional. Valor construcional.
Grau de esquematicidade	Intermediário. Constitui construção parcialmente esquemática, com posição parcialmente aberta em V1 e fechada por “Ver” e aberta.	Intermediário. Microconstruções específicas de esquema mais alto.
Grau de produtividade	Intermediário. Slots parcialmente variáveis em V1 e Comp instanciam tipos variados de microconstruções.	Intermediário. Instancia tipos específicos de construtos.

Fonte: Adaptado de Robuste (2018).

D) MARCADOR DISCURSIVO

As construções [V1+ver] com função de MD apresentam traços definidores das macro-funções textual e interacional testadas em Robuste (2018), conforme se exemplifica a seguir.

i) [V1+ver] basicamente sequenciador de tópico e secundariamente orientador da interação

- (15) (Reverendo) — Qual o quê, seu padre! Eles não dizem uma palavra que não botem Deus no meio. Ninguém jura sem Deus por testemunho. É Deus pra lá, Deus pra cá... Mas trabalhar que é bom?... Pois sim.
(Padre) – **Vamos ver**, reverendo. **Vamos ver**.
(Reverendo) — Em todo caso, eu lhe desejo boa sorte. E agora meu amigo, depressa que o trem já deu o aviso...
[BDL, CP1, 1949, literatura romanesca]
- (16) A MOÇA (levantando-se) Bem, eu gostei muito de conhecer vocês.
HAPPY Volte logo.
A MOÇA **Vou ver**.
HAPPY Não veja, meu bem, volte no duro.
[BDL, corpus de tradução, 1976, teatro]

ii) [V1+ver] basicamente orientador da interação e secundariamente sequenciador de tópico

- (17) Doc.: tem alguma o(u)tra?... que cê lembra?
Inf.: que eu lembro?... **vamo(s) vê::(r)**... (agora é um::) CAso... quê que eu vô(u) lembrá(r) agora?... -- ai F. ajuda eu lembrá(r) alguma coisa aí — ((se dirigindo à esposa))
[AC-074-NE; L.40]
- (18) Doc.: êh:: agora alguma coisa que alguém tenha te contado que num te aconteceu que cê num tava presente na história mas que alguém tenha te contado
Inf.: (**de(i)xa eu vê(r)**)... a gente sabe tanto mas (às vezes) num lembra né?
[AC-094-NR; L.59]

iii) [V1+ver] basicamente orientador da interação

- (19) Inf.: porque a Gaviões mesmo falava... que queria tirá(r) o:... presidente do Corinthians o Alberto Dualib... [Doc.: uhm] eu também queria que ele saísse ²[uma boa]
Doc.: ²[toda] mas a Gaviões é contra el
Inf.: não... não ... então... **vai ven(d)o**... eu... eu... penso isso daí né?...
[AC-053-RO; L.354]
- (20) Doc.: caprichado aquele lanche que eles dão lá
Inf.: nossa muito bom muito bom... teve:: **qué(r) vê(r)?** teve:: prime(i)ro o almoço tinha acho que era::... carne de panela com mandio::ca
[AC-023-NE; L.133]

Diante da verificação assertiva da manifestação dos traços básicos definidores dos MD (combinados com as funções de sequenciação tópica e orientação da interação) (ROBUSTE, 2018), cabe-nos explicitar os graus de (inter)subjetividade das construções MD [V1+ver] recorrendo aos traços [+ (inter)subjetivo] ou [- (inter)subjetivo], relacionados às funções que essas construções podem desempenhar na dinâmica do texto: (a) MD basicamente sequenciadores de

tópico e secundariamente orientadores da interação; (b) MD basicamente orientadores da interação e secundariamente sequenciadores tópicos; e (c) MD basicamente orientadores da interação.

O grupo dos MDs [-intersubjetivos] é composto por construções como as exemplificadas em (15) e (16), em que predomina a função textual, que não garante o valor (inter)subjetivo. Por outro lado, quando se considera a função secundária, de orientação da interação exercida por esses MDs, podemos afirmar que há a expressão de certo grau de (inter)subjetividade na medida em que o falante coloca as atividades anunciadas no campo da possibilidade e não se compromete com uma resposta segura.

O segundo grupo de MDs é formado pelos usos [+/- intersubjetivos], que são os atuantes como MD basicamente orientadores da interação e secundariamente sequenciadores tópicos, como os exemplificados em (17) e (18). Por serem basicamente orientadores da interação, é de esperarmos que *[vamos ver]* e *[deixa eu ver]* apresentem valor intersubjetivo, o que se confirma, uma vez que nas duas ocorrências a construção expressa preocupação do falante em transmitir uma informação com certo grau de precisão ao seu interlocutor, ao mesmo tempo que é usada para manutenção do turno conversacional.

O terceiro grupo de MDs caracteriza-se pelos usos [+ intersubjetivos], em que as construções *[V1+ver]* são as genuinamente orientadoras da interação, cuja função é estabelecer contato com o interlocutor durante a produção do discurso, como mostram as ocorrências (19) e (20).

Como conclusão parcial sobre as características das construções *[V1+ver]* com função de MD, apresentamos o Quadro 5, em que se resumem suas características básicas, incluindo, desta vez, o grau de (inter)subjetividade.

Quadro 5: Propriedades de *[V1+ver]* como MD

Níveis de esquematicidade	Macroconstrução <i>[V1+V2]</i> MARCADOR DISCURSIVO	
	Mesoconstrução <i>[V1+Ver]MD</i>	Microconstrução <i>[Ir+Ver]</i> , <i>[Deixar+Ver]</i> , <i>[Querer+ver]</i>
Propriedades de forma	<i>V1</i> pode ocorrer no presente do indicativo ou no imperativo, com 1ª ou 2ª pessoa singular/plural; “Ver” é não-finito. a construção pode ou não ter sujeito expreso e apresentar força ilocucionária declarativa, imperativa ou interrogativa.	<i>[Ir+Ver]</i> : “Ir” ocorre no presente do indicativo, 1ª pessoa singular/plural ou 2ª pessoa do imperativo, sem sujeito expreso; “Ver” ocorre no infinitivo ou no gerúndio. <i>[Querer+Ver]</i> : com “Querer” no presente do indicativo, 2ª pessoa do singular, sem sujeito expreso; “Ver” no infinitivo; a construção é interrogativa. <i>[Deixar+Ver]</i> : “Deixar” ocorre na 2ª pessoa do imperativo, sem sujeito expreso; “Ver” no infinitivo.

continua

conclusão

Níveis de esquematicidade	Macroconstrução [V1+V2] MARCADOR DISCURSIVO	
	Mesoconstrução	Microconstrução
	[V1+Ver]MD	[Ir+Ver], [Deixar+Ver], [Querer+ver]
Propriedades de forma	Impossibilidade de material interveniente.	Impossibilidade de material interveniente.
	Restrição à presença de negação.	Restrição à presença de negação.
	Perda de estrutura argumental, com independência sintática.	Perda de estrutura argumental, com independência sintática.
Propriedades de forma	Rebaixamento de tessitura e tom interrogativo.	[Ir+Ver]: rebaixamento de tessitura. [Querer+Ver]: tom interrogativo. [Deixar+Ver]: rebaixamento de tessitura.
Propriedades de função	MD com função textual ([+/- sequenciador tópico) e/ou interativa ([+/- orientador da interação]).	[Ir+Ver]: fechamento de tópico ou de turno [+textual; -interacional]. [Ir+Ver] e [Deixar+Ver]: preenchimento de pausa [-textual; +interacional]. [Querer+Ver]: engajamento do interlocutor [+interacional].
Grau de composicionalidade	Não composicional, valor construcional.	Não composicional, valor construcional.
Grau de esquematicidade	Intermediário. Slot parcialmente variável em V1 e fechado por “ver”.	Intermediário. Instanciam construtos restritos às propriedades de forma e de função.
Grau de produtividade	Intermediário. Instancia três tipos de microconstrução.	Intermediário. Instanciam de tipos específicos de construtos.
Grau de (inter) subjetividade	[+/- (inter)subjetivo].	[Ir+Ver]: [-intersubjetivo]. [Ir+Ver]; [Deixar+Ver]: [+/- intersubjetivo]. [Querer+Ver]: [+intersubjetivo].

Fonte: Adaptado de Robuste (2018).

A RELAÇÃO ENTRE OS PROCESSOS DE MUDANÇA

Nesta seção, relacionamos propriedades dos padrões construcionais identificados, para evidenciar a relação entre **mudança construcional**, **construcionalização** e **(inter)subjetivização** reveladas pela análise sincrônica das construções [V1+ver]. Partimos do exame do Quadro 6, em que se destacam as propriedades das microconstruções, para atestar a hipótese de que construções atuantes como MD com valor (inter)subjetivo formam um novo pareamento de forma e função derivável de usos mais lexicais.

Quadro 6: Comparação entre as propriedades das microconstruções de [V1+ver]

Padrões/ Propriedades	Construção lexical		Construção procedural (ou gramatical)	
Macro- construção	[V1+ V2.inf] MOV. COM PROPÓSITO	[V1+V2.inf]TAM	[V1+ V2.inf (+COMP)] MOD. EPIST.	[V1+V2]MD
Meso- construção	[V1 mov. + V2 prop. (+Loc)]	[V1+Ver inf.]T e M	[V1+ver+(se/(que))] MOD. EPIST.	[V1+Ver]MD
Micro- construção	[Ir movimento + Ver prop. (+Loc)]	[Ir + Ver] TEMPO [Querer + Ver] VOLIÇÃO [Deixar + Ver] PERMISSÃO	[Ir + Ver + se] [Querer + Ver + se] [Deixar + Ver + se] [Ir + Ver + que] Ir + ver]	[Ir + Ver] [Deixar + Ver] [Querer + Ver]
Forma das micro- construções	Possibilidade de locativo como material interveniente	Possibilidade de tipo variado de material interveniente	Impossibilidade de material interveniente	Impossibilidade de material interveniente
	Flexão de “Ir”, com sujeito expresso ou não, e “Ver” no infinitivo.	Flexão de V1, com Sujeito expresso ou nulo, e “Ver” infinitivo.	[Ir + Ver + se]: <i>Ir.Pres.</i> <i>Id.1P.Sg./Pl.</i> ; Suj. Exp./nulo; <i>Ver.inf.+ se.</i> [Ir + Ver + (que)]: <i>Ir.Pres.Id.3P.</i> <i>Sg.(Impes.)</i> ; <i>Ver.inf.+ que/zero.</i> [Querer + Ver + se]: <i>Querer.Pres.Id.1P.Sg/</i> <i>Pl.</i> ; Suj. Exp./nulo; <i>Ver.inf.+se.</i> [Deixar + Ver + se]: <i>Deixar.Imperat.2P.Sg.</i> ; <i>Ver.inf.+se</i> ; Suj.Exp./ nulo.	[Ir + Ver]: <i>Ir.Pres.Id./Imp.1/2P.</i> <i>Sg./Pl.</i> ; Suj. nulo; <i>Ver.inf/ger.</i> [Querer + Ver]: <i>Querer.Pres.Id.,</i> <i>2P.Sg.</i> ; Suj.nulo; <i>ver.inf.</i> ; interrog. [Deixar + Ver]: <i>Deixar.Imperat.2P.</i> <i>Sg.</i> Suj.nulo; <i>Ver.inf.</i>
	Possibilidade de negação.	Negação incidente sobre a construção.	Restrição à presença de negação.	Restrição à presença de negação.
	Estrutura argumental de “Ir” e “Ver” preservada.	Estrutura argumental de “Ver” preservada.	Perda de estrutura argumental. Escopo sobre conteúdo oracional.	Perda de estrutura argumental. Total independência sintática.

continua

conclusão

Padrões/ Propriedades	Construção lexical		Construção procedural (ou gramatical)	
Função das micro-construções	Movimento com propósito de “Ver”.	Expressão de Tempo/ Modalidade em <i>V1</i> e “Ver” com significado de percepção visual/ mental.	Modalidade epistêmica (baixo grau de certeza)	[Ir + Ver]: Marcador discursivo [+textual;-interacional]; [-intersubjetivo] [Ir + Ver] [Deixar + Ver]: Marcador discursivo [-textual; +interacional]; [+/-intersubjetivo] [Querer + Ver]: Marcador discursivo [+interacional]; [+intersubjetivo]
Grau de composicionalidade das micro-construções	Totalmente composicional. Significado lexical de “Ir” e “Ver” preservado.	Intermediário, com <i>V1</i> (TM) e <i>V2lexical</i> .	Baixa composicionalidade. Valor composicional.	Não composicional. Valor construcional.
Grau de esquematização das micro-construções	Baixo. Subesquema único de esquema mais alto.	Intermediário. Microconstruções específicas de esquema mais alto. Posição parcialmente aberta em <i>V1</i> e fechada em “Ver”.	Intermediário. Microconstruções específicas de esquema mais alto.	Intermediário. Instanciam construtos restritos às propriedades de forma e de função da microconstrução.
Grau de produtividade das micro-construções	Baixo. Todos <i>slots</i> preenchidos restringem tipos específicos de construtos.	Intermediário. Instancia tipos perifrásticos restritos a T e M.	Intermediário. Instancia tipos específicos de construtos.	Intermediário. Instanciam tipos específicos de construtos.
Tipos de mudança das micro-construções	Mudança construcional		Construcionalização	

Fonte: Adaptado de Robuste (2018).

Embora não parta de análises diacrônicas, o Quadro 6 foi organizado de modo a sistematizar um possível caminho de mudança construcional e de construcionalização percorrido por construções [*V1 + ver*] de valor mais procedural. Assim sendo, as duas colunas mais à esquerda

evidenciam maior valor lexical, enquanto as mais à direita apresentam maior valor procedural, o que corresponde à unidirecionalidade da mudança [+lexical] > [+ gramatical]¹³.

A análise dos graus de **composicionalidade, esquematicidade, produtividade e (inter) subjetividade** permite afirmar que as construções [V1+ver] com valor modal e discursivo seriam menos posicionais, já que passam a formar um todo dotado de sentido, cujas funções não são especificadas pelos elementos que as compõem. Essa constatação contribui para a confirmação da hipótese de que essas microconstruções são resultado de um processo de construcionalização¹⁴. Quanto ao grau de esquematicidade e de produtividade das microconstruções, é notável que quanto maior o nível de abstratização de um esquema construcional, maior é a possibilidade de ele atrair novas construções. No tocante à (inter)subjetividade, construções com função de MD apresentam valores (inter)subjetivos a depender da função que desempenham na organização do fluxo do discurso. É possível que o desenvolvimento do caráter (inter)subjetivo dessas microconstruções seja resultado de processos das mudanças que ocorreram tanto no plano da forma, quanto no plano do significado. Nesse sentido, ao adquirir um novo valor construcional, microconstruções [V1+ver] se especializam em funções que necessariamente envolvem negociação entre locutor e interlocutor e nesse jogo são usadas como estratégia de (inter)subjetividade, ora mais voltada à organização do discurso, ora mais voltada à interação.

Ainda que não se possa afirmar categoricamente que as microconstruções [V1+ver] com valor de MD são resultado de um processo diacrônico de construcionalização, a descrição sincrônica dos tipos possíveis de [V1+ver] deixa transparecer diferenças de forma e de função que, se relacionadas aos graus de gramaticalidade, podem ser interpretadas como mudanças construcionais que levam à formação de um novo pareamento de forma e significado, com valor (inter)subjetivo especializado na função de MD atuante no fechamento de tópico ou de turno, no preenchimento de pausa e no engajamento do interlocutor.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A análise de dados sincrônicos, mesmo carecendo de comprovação diacrônica, permite postular um cline de gramaticalidade no qual microconstruções [V1+ver] com função de MD resultam de um processo de construcionalização, que provocou alterações no plano da forma e do conteúdo, conferindo a essas microconstruções um novo valor (inter)subjetivo. Em outras palavras, a relação entre os processos de mudança linguística é revelada pelo aumento da (inter)subjetividade, que é antecedida por uma série de micropassos de mudanças na forma e no conteúdo das microconstruções, que levam à construcionalização.

Finalmente, mesmo com base nos resultados de análise apenas sincrônica de dados do português contemporâneo, o que podemos defender é que o reconhecimento de diferentes graus de gramaticalidade envolvendo as microconstruções [V1+ver] constitui forte indício de que tais microconstruções sejam mesmo resultado de mudanças históricas, como atestam inúmeros

¹³ Essa forma de organizar os dados em clines de gramaticalidade tem por base constatações feitas em estudos dedicados aos processos de gramaticalização, como a de que expressões com valor gramatical seriam originadas de expressões com valor lexical (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), podendo esse percurso ser postulado como hipótese de reconstrução histórica das formas gramaticalizadas, a ser atesta diacronicamente.

¹⁴ Estudos diacrônicos atestam que a mudança construcional está relacionada à redução da composicionalidade, especialmente no nível das microconstruções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

trabalhos de abordagem construcional para a investigação da mudança linguística que enfatizam a relação indissociável entre sincronia e diacronia (BYBEE, 2003, 2016; HOFFMANN; TROUSDALE, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, dentre outros). Assim, considerando que microconstruções com função de MD manifestam-se em gêneros textuais que se aproximam mais da modalidade falada, é forte a hipótese de que uma investigação diacrônica baseada em *corpora* cujos textos simulem situações de fala (peças de teatro, cartas particulares, novelas etc.) comprove os resultados que sustentam este trabalho. É o que lançamos como perspectiva de continuidade da investigação desse tema.

REFERÊNCIAS

- BARÐDAL, J. **Productivity**: evidence from case and argument structure in Icelandic. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- BARÐDAL, J. Predicting the productivity of argument structure constructions. **Berkeley Linguistic Society**, Berkeley, n. 1, v. 32, p. 467-478, 2006.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1958.
- BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B.; JANDA, R.D. (ed.) **The Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003. p. 602-623.
- CROFT, W. Construction Grammar. *In*: GEERAGRTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: OUP, 2007. p. 463-508.
- CROFT, W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIK, S. **The theory of functional grammar**. Part I: The structure of the clause. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1989.
- DIK, S. **The theory of functional grammar**. Part II: Complex and derived constructions. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIK, S.; HENGEVELD, K. The hierarchical structure of clause and the typology of perception-verb complements. **Linguistics**, v. 29, n. 2, p. 231-259, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling.1991.29.2.231>
- GISBORN, N.; PATTEN, A. Construction grammar and grammaticalization. *In*: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: The Oxford University Press, 2011. p. 93-104.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L.; OLIVEIRA, T. P. Por uma abordagem de construções complexas em perspectiva construcional. **Working papers em linguística**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 102-127, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2020v21n1p102>

GUERRA, A. R. **Funções textual-interativas dos marcadores discursivos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. Variation, change and constructions in English. **Cognitive Linguistics**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 1-23, 2011.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português culto falado no Brasil**: a construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

NUYTS, J. Cognitive Linguistics and Functional Linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 543-565.

OLBERTZ, H. **Verbal periphrases in a functional grammar of Spanish**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.

PENHAVEL, E. Sobre as funções dos marcadores discursivos. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 34, p. 1296-1301, 2005.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas: Unicamp, 2006. p. 427-496.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 403-425.

ROBUSTE, T. B. **Construções [V1 + ver] no português contemporâneo sob abordagem construcional**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

SOUSA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas**: o caso do complemento oracional introduzido por se. 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. Tradução Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. **ReVEL**, [s. l.], v. 12, n. 22, p. 98-108, 2014.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. *In*: DAVIDSE, K. *et al.* (org.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010. p. 29-74.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. *In*: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (ed.). **Variation, selection, development** - probing the evolutionary model of language change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TUGGY, D. Schematicity. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 82-116.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 497-527.

Recebido em: jul. 2020.

Aceito em: jul. 2020.